

O USO DA LITERATURA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Gabriela Ferreira de Amorim.

Sandra Rodart Araújo.

RESUMO: Atualmente, o ensino de História é caracterizado pelas alunas, principalmente como pouco atrativo e tedioso. Visto que a grande maioria dessas alunas estão inseridas em instituições públicas cujo as metodologias de ensino de História aplicadas em sala de aula são caracterizadas pela não interação, o que resulta na falta de interesse. Assim, a fim de demonstrar uma maneira de tornar o ensino mais atrativo, demonstramos, através deste trabalho, como se utilizar fontes históricas, no caso, literatura e autobiografia, como auxílio no ensino de História.

Palavras-chave: literatura, ensino, história.

Não é de conhecimento de todos a importância do *saber ler* e a influência que esse saber exerce no processo de aprendizagem. Entretanto, é de se imaginar que no ambiente acadêmico em que licenciandas estão inseridas, têm-se uma maior consciência da importância dessa leitura para a formação do aluno. Mas, então, porque as anteriores licenciandas e que, agora, ocupam os cargos de professores em escolas públicas, não trabalham visando uma melhoria e o estímulo à leitura com seus alunos? Porque os alunos e alunas concluem o Ensino Fundamental e até o Ensino Médio lendo, mas não entendendo o que está escrito? E as áreas de atuação da organização e da gestão escolar ignoram o problema ou possuem medidas como projetos para trabalhar essa questão? É importante frisar que o estímulo à leitura e seu aprendizado não se retém apenas a professores específicos de áreas como a língua portuguesa, literatura e afins, e que essa tarefa não é cargo apenas de professores, mas também da família, das pessoas que compõem o ambiente familiar do indivíduo. Porém, o professor tem que cumprir seu papel como educador.

Pode-se afirmar que, em muitos casos, os alunos aprendem a ler não sob influência da escola, mas sim da família, o que ratifica a ineficiência da escola em relação à prática da leitura. Em um depoimento, Miúcha, irmã mais velha de Chico Buarque de Holanda e filha do

historiador Sérgio Buarque de Holanda, podemos perceber como se dá o processo de aprendizagem fora da escola:

“Sua [de Sérgio] influência sobre Chico e os outros filhos se dava de forma sutil. As paredes da casa da família eram cobertas por livros, e o pai incentivava a leitura através de desafios. ‘Ele não ficava falando pra gente ler’, conta Miúcha. ‘Mas era apaixonado por Dostoiévski, conversava muito sobre ele. Nós todos líamos. E tinha Proust, aquela edição de 17 volumes. Ele dizia, desafinado e instigado: ‘Proust é muito interessante, vocês não vão conseguir ler, é muito grande. Ah, mas se vocês soubessem como era madame Vedurin...’ Aí todo mundo pegava para ler.” (Regina Zappa, Chico Buarque, p. 93-94).

O prazer à leitura e, conseqüentemente, uma boa interpretação, tornam o aprendizado simples e prazeroso. Sendo assim, o estudo deixa de ser estudo e passa a ser leitura. Visto que, sem a leitura, o conhecimento – em todas as suas áreas – se torna totalmente ineficiente.

Posto, então, a importância da leitura no processo de aprendizagem, avançaremos para o uso da literatura em sala de aula, mais especificamente no ensino de História.

É comum escutarmos, nós, licenciandas, estagiárias e futuras professoras de História, as alunas e alunos nos questionarem sobre a nossa escolha pela Licenciatura e, principalmente, pelo curso de História. Questionamentos seguidos de afirmações como “História é tão chato!” que, muitas das vezes, nos pegam despreparadas e nos colocam a refletir em como se é trabalhada a disciplina nas escolas públicas. Porque a grande maioria de estudantes não se interessam pela disciplina História e a caracterizam como chata, entediante? Os estudantes ao menos adquirem conhecimento acerca dos conteúdos básicos da disciplina? E a criticidade e o estímulo à curiosidade tanto estudada pelas licenciandas na Universidade é trabalhada em sala de aula? Está claro que a resposta para os questionamentos acima é negativa e uma das raízes fundamentais para o problema é a forma como a disciplina é trabalhada em sala de aula.

São poucas as professoras que trabalham a História de uma forma mais atrativa e estimulante em sala de aula. A grande maioria se baseia somente no livro didático e utilizam de metodologias pouco interessantes para as alunas, como solicitar que façam resumo do capítulo a ser estudado sem, ao menos, expor seu conhecimento acerca do assunto ou discutir os temas. Problemas comuns cuja discussão não cabe neste texto.

Sabemos que a História se relaciona diretamente com as fontes, documentos históricos. Então, porque não utilizar alguns documentos históricos como auxílio ao ensino de História, no caso, a Literatura?

Uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos. Ela deve considerar que o 'mundo do texto', usando os termos de Ricoeur, é um mundo de objetos e de performances cujos dispositivos e regras permitem e restringem a produção do sentido. Deve considerar paralelamente que 'o mundo do leitor' é sempre aquele da 'comunidade de interpretação' (segundo a expressão de Stanley Fish) à qual ele pertence e que é definida por um mesmo conjunto de competências, de normas, de usos e de interesses. O porquê da necessidade de uma dupla atenção: à materialidade dos textos, à corporalidade dos leitores (CHARTIER, 2002, p. 255, 257).

Considerando as vantagens de se estimular a leitura e sua influência positiva no processo de aprendizado, o uso da Literatura para se estudar História estimulará a curiosidade dos estudantes, tornará a História mais atrativa e, além do mais, influirá na capacidade de interpretação e análise dos mesmos. No qual, cada leitor dará sentido ao texto a partir da sua concepção de mundo e dos textos dos quais se apropriam. Porém, é preciso trabalhar a literatura no ensino de História com atenção, para que não seja aconteça o inverso.

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico. (BORGES, 2010. p. 98).

Desse modo, ao selecionar uma obra literária é preciso se atentar a alguns pontos trabalhados metodologicamente. De início, é de suma importância contextualizar o autor e a obra literária fazendo, assim, uma curta biografia do autor, elucidar o contexto histórico no qual a obra foi escrita e qual contexto é retratado na obra. Posteriormente, é preciso que se familiarize a obra com os alunos a partir da discussão sobre a forma de escrita do autor, estimular o uso de dicionário para auxiliá-los. O esclarecimento de que a obra literária não se trata somente da imaginação do autor, de uma obra em suma de ficção, mas que ela é reflexo do contexto histórico no qual o autor estava inserido e sua compreensão de mundo, por isso,

pode-se encontrar, por exemplos, personagens com nomes fictícios, mas que realmente existiram.

Dadas as devidas considerações, pode-se trabalhar governos ditatoriais utilizando a obra de George Orwell, *1984*, por exemplo. Inspirado nos regimes totalitários das décadas de 1930 e 1940, Orwell critica, através de sua obra, não só o nazismo e stalinismo, mas todo mundo moderno. Publicada em 1949, a obra retrata a vida de Winston, um homem imerso numa sociedade totalmente solitária e dominada pelo Estado.

O apartamento ficava no sétimo andar e Winston, com seus trinta e nove anos e sua úlcera varicosa acima do tornozelo direito subiu, devagar, parando para descansar várias vezes durante o trajeto. Em todos os patamares, diante da porta do elevador, o pôster com o rosto enorme fitava-o da parede. Era uma dessas pinturas realizadas de modo a que os olhos o acompanhem sempre que você se move. O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia o letreiro, embaixo. (ORWELL, 1949, p. 11-12).

Se tratando do século XX é possível estudá-lo a partir de algumas obras de Lima Barreto. Filho de uma professora e um tipógrafo, Afonso Henriques de Lima Barreto, nascido em 13 de maio de 1881, foi admitido como branco na triagem do sanatório. Ao dar entrada no casarão da praia Vermelha, 25 de dezembro de 1919, lugar onde é a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o autor recebeu o diagnóstico: alcoolismo. O diário, produzido durante os dois meses em que permaneceu no sanatório, possibilita uma visão dos acontecimentos a partir da percepção subjetiva de Barreto. Em seus relatos o autor demonstra angústia em relação à própria vida, ao alcoolismo, à sua situação social vivenciada durante a *Belle Époque* carioca. Lima Barreto viveu sua infância durante o Brasil Império, e se tornou um grande crítico do regime republicano instaurado em 1889.

O Rio de Janeiro abre o século XX confrontando-se com perspectivas extremamente promissoras. De um lado seu papel privilegiado na intermediação dos recursos da produção de café, de outro sua condição de centro político do país, além de constituir o maior centro populacional do país, condições estas que deram destaque ao Rio de Janeiro como um dos melhores portos do mundo em volume de comércio, sendo superado no continente americano apenas por Nova Iorque e Buenos Aires. Com a decadência da economia cafeeira do vale do Paraíba esperava-se uma queda na atividade exportadora da cidade, o que, de fato, não ocorreu. E, sendo assim, suprida pelo aumento das importações e do comércio de cabotagem. Essa alteração das atividades econômicas do Rio de Janeiro proporcionaram a sua transformação no maior centro cosmopolita da nação.

A nova filosofia financeira nascida com a República reclamava a remodelação dos hábitos sociais e dos cuidados pessoais. Era preciso ajustar a ampliação local dos recursos pecuniários com a expansão geral do comércio europeu, sintonizando o tradicional descompasso entre essas sociedades em conformidade com a rapidez dos mais modernos transatlânticos. (SECVENKO, 1983, p.28).

A França era sinônimo de civilização. A civilização que o Brasil almejava tanto. Assim, para acompanhar o progresso, era preciso alinhar-se com os padrões e ritmo pela qual desencadeava a economia europeia. “A imagem do progresso – versão prática do conceito homólogo de civilização – se transforma na obsessão coletiva da burguesia.” (SEVCENKO, 1983, p.29). Com isso, o fascínio exercido pela França no Brasil – que já existia, acentua-se ainda mais durante a *Belle Époque*.

Destarte, ao se trabalhar o diário de Lima Barreto em sala de aula, é preciso abordar temas como a autobiografia como fonte e elucidar, para que se compreenda o contexto histórico em que o autor estava inserido, a *Belle Époque*, e discutir sobre vivenciada pelo autor: internado num sanatório. Um crítico do seu período histórico que viveu na pele a “limpeza social” aplicada para que se alcançasse o modelo “civilização” francesa.

Assim, “Se a literatura, como outros monumentos e arquivos humanos, guarda as questões de um tempo e as marcas de um povo e de um lugar, lidar com tais fontes requer a construção de instrumentos afinados capazes de lançar luz àquilo que traz em seu bojo.” (BORGES, 2010. p. 107). Portanto, o cuidado ao se utilizar da Literatura no ensino de História é fundamental. Cabe à professora conhecer a literatura que deseja trabalhar, historicizá-la, fazer o percurso interpretativo e abrir portar para que os alunos conduzam seu conhecimento.

Referências

BARRETO, Lima. **Diário do Hospício e o Cemitério dos Vivos**. São Paulo: Cosac Naify: 2010.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010.

CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892 109 Alegre, RS: Ed.Universidade/UFRGS, 2002.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ZAPPA, R. **Chico Buarque para Todos**. Rio de Janeiro, 1999, Ed. Relume Dumará, 3ª edição.